

# A IMAGINAÇÃO DE ESPAÇOS ALTERNATIVOS COMO ESTRATÉGIA PARA PRODUZIR DIMENSÕES UTÓPICAS

## IMAGINING ALTERNATIVE SPACES AS A STRATEGY TO PRODUCE UTOPIAN DIMENSIONS

Nayara Macena Gomes<sup>1</sup>

Resumo: Este trabalho objetiva oferecer uma leitura crítica de um dos espaços descritos no romance *He, She and It*, de Marge Piercy (1993), sob o prisma dos estudos de gênero. Salienta-se que a realidade vivida pelas personagens e as lacunas identificadas nela direcionam a imaginação de outras possibilidades de vivência. De cunho bibliográfico, o trabalho foi tecido com excertos escolhidos conforme o foco pretendido, bem como material teórico sobre os temas relacionados e fortuna crítica relevante. Finalmente, propõe-se que o texto de Piercy (1993) parece oferecer espaços alternativos de expressão, calcados em um pensamento relacional e outros entendimentos acerca da relação entre literatura e utopia.

Palavras-chave: Espaço; Utopia; Literatura.

Abstract: This paper aims to provide a critical reading of one of the spaces described in the novel *He, She and It*, by Marge Piercy (1993), through the lens of gender studies. It highlights that the reality experienced by the characters and the gaps identified in it direct the imagination of other possibilities for life. Based on bibliographic resources, this study followed from excerpts chosen according to the focus intended and theoretical material on related topics, as well as relevant critical fortune. Finally, it is proposed that the novel seems to offer alternative spaces for expression, grounded on a relational thinking and other insights about the relationship between literature and utopia.

Key words: Space; Utopia; Literature.

Neste trabalho, argumento que o romance *He, She and It*, de Marge Piercy (1993), parece sugerir estratégias para transgredir a estrutura apolínea que tem regulado nossas experiências. Analiso apenas um espaço da obra em foco e saliento a aplicação de tecnologias como ferramentas de emancipação para tecer uma leitura crítica acerca da transgressão de demarcações culturais como escopo para projetar outros modelos de vivência. Por fim, sugiro, com base em Cavalcanti (2003) e Iser (1999), que o grande esforço desse espaço jaz sobre a potência imaginativa de um bom lugar, a qual possibilitaria alterar nosso sistema de representação.

Os lugares de *He, She and It* são resumidos por Wolmark (1994) como construções estabelecidas em um futuro próximo, controladas por corporações e marcadas por guerras e poluição. Vastas áreas do planeta não são habitáveis e, por isso, as grandes corporações construíram domos nos continentes – para fornecer lugares protegidos para seus profissionais e técnicos. O resto da população vive em cidades livres, como Tikva,

<sup>1</sup> É graduada em Letras-Inglesa pela Universidade Federal de Alagoas (2010), onde atua como Tradutora e Intérprete/Língua Inglesa e possui mestrado em Estudos Literários pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (2015).

ou na *Glop*. De acordo com Naverow (1994), essa configuração cartográfica de *He, She and It* revela conflitos entre as orientações epistemológicas instituídas em cada lugar da narrativa, as quais se dividem basicamente em duas políticas de incorporação – uma é feminista e a outra, patriarcal e opressora. De acordo com o modelo exposto, a caracterização dos domos corporativos sugere a percepção de um espaço onde a individualidade é substituída pela uniformidade e subordinação aos conglomerados econômicos que governam a vida de todos os trabalhadores.

Ao revelar traços alternativos e, aparentemente, melhores do que a condição externa ao invólucro, os domos aludem ao *topos*<sup>2</sup> relativo ao bom lugar que define a utopia de acordo com a abordagem temática, segundo exposição de Sargisson (1999). Esse espaço, porém, oferece possibilidades opressoras para as mulheres e para Shira. Na Y-S, a personagem perde a guarda do filho e não tem oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

Os outros espaços tecidos pela narrativa apresentam-se, inicialmente, como uma espécie de outro mundo, talvez um ruído incompreensível, por estarem fora do domínio cultural das *multis*. A ocupação desses espaços outros, entretanto, equivale à sua consagração, nos termos de Eliade (2001). A instalação em determinado ambiente “pressupõe uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao “criá-lo” (p. 36). A briga que a *Glop* e Tikva assumem é, portanto, a de sobrevivência – tanto de reconhecimento cultural quanto de realidade material. A configuração ontológica desses espaços é, assim, considerada outra e não faz parte do mundo como os domos conhecem. Mais tarde, é revelado que a Y-S comanda uma operação que visa ao extermínio das sociedades alheias a seu sistema. A dicotomia entre o espaço que se apresenta como a melhor opção para o caos e aqueles que existem em regiões sombrias do conhecimento parece estabelecer as condições necessárias para a criação de um novo ordenamento.

Os mapas da narrativa de *He, She and It* parecem estruturar-se sobre a transgressão de demarcações culturais. Assim, sua apresentação em padrões dicotômicos e heterogêneos que se organizam em degraus para a fabricação do mundo pode parecer contraditória. Contudo, segundo as exposições de Shands (1999), tais imagens podem iluminar como o feminismo parece posicionar-se sobre pontes suspensas

<sup>2</sup> Entendo *topos* em consonância com Bal (1997), que define o termo como uma combinação fixa de motivos. Como exemplos de *topoi*, ela cita declarações de amor sob a luz da lua e encontros fantasmagóricos entre ruínas.

entre o mundo da cultura como a conhecemos e aquele situado em zonas sombrias. Essas pontes sugerem metáforas de movimento que fazem parte de um processo de fabricação de outro mundo. Para autora, e para Eliade (2001), a fundação do mundo nunca está completa. Trata-se de um processo que ocorre “dentro e por meio de relações via conexão e continuidade no tempo e no espaço” (p. 14)<sup>3</sup>. Por isso, a forma como estruturamos e ordenamos nossa visão do real também oferece possibilidades para a imaginação de outras dimensões do Universo. As realidades alternativas às experiências tradicionais apresentadas pela obra, assim, possivelmente configuram opções de materialização em oposição iminente ao patriarcado.

Centro minha discussão em torno das representações dos espaços pela narrativa de *He, She and It*, que permite a leitura de mapas de centros, margens e fronteiras que parecem informar não somente práticas discursivas, mas também estratégias transformativo-transgressoras, que reconceituam nossos universo e tecido cultural. Sugiro ainda uma leitura de como o espaço pode funcionar como uma estratégia para produção de dimensão utópica. Ao fim, sinalizo certa relação entre a literatura e a utopia, com base em subsídios teóricos de Sargisson (1996), Levitas (2010), Cavalcanti (2003) e Iser (1999).

Marge Piercy, conforme apresentada por seu *website*, é ativista em prol de causas feministas e ambientais. Ela é autora de 17 romances, entre os quais se destacam *Woman on the edge of time* e *He, She and It* pelos estudos acadêmicos. Este é o ganhador do prêmio Arthur C. Clarke do ano de 1993 e apresenta ambientes de acordo com os percursos das personagens Malkah e Shira, que guiam o leitor e a leitora pelo mundo futurista ficcionalmente produzido. Esses percursos são os mesmos que nós devemos trilhar para descobrir *Black Zone*, que é apenas entrevista, mas pode sugerir certa movimentação em direção à imaginação de novas realidades, a partir das experiências das personagens, de imagens difusas e das lacunas que revisam os elementos clássicos da forma e do tema da utopia e parecem aludir ao processo de composição ficcional.

Em elaborações clássicas, o bom lugar é intencionalmente não localizado aqui, de acordo com a obra que deu origem ao modo em questão – a *Utopia*, de More, a qual descreve a jornada do navegante que descobre uma ilha além-mar racionalmente organizada. Formado com base nos prefixos gregos *ou* (não) e *eu* (melhor), o título dessa

<sup>3</sup> [...] in and through conversation via connection and continuity in time and space.

obra remete tanto à não localização de tal lugar como à sua idealização.

Entretanto, segundo Sargisson (1996), em vez de simplesmente imaginar um lugar universalmente melhor, os textos contemporâneos de autoria feminina têm apresentado imagens que não encontram lugar dentro da ordem apolínea que rege nossa cultura, mas oferecem modelos outros de organização social ao tecer espaços radicalmente novos<sup>4</sup>.

Talvez por isso, a caracterização inicial de *Black Zone* revela-se apocalíptica. O ambiente caótico parece representar a ameaça do desconhecido sobre o sistema estrutural que regula nossas experiências. Em *He, She and It*, as configurações do real, da inteligibilidade, dos corpos e dos espaços parecem revelar inconsistências dessa ordem por meio da ficção e da revisão da forma de organizar o universo sob uma perspectiva feminista. Em conferência sobre o contexto histórico da *reader-response criticism*, Iser (1999) analisa o que ele chama de lacunas e negações para apresentar os fundamentos da teoria do efeito estético, que considera o ato individual de leitura. Para o autor, esses hiatos são inerentes ao texto, pois “nenhuma história pode ser contada na íntegra” (p. 28). Tal característica parece ser fundamental também para a compreensão da relação entre utopia e literatura. Impossibilitada de se realizar no mundo que de fato se estabelece e por meio das estruturas que organizam esse mesmo mundo, o bom lugar parece ser deslocado para uma espacialidade alternativa. Para Levitas (2001), o “desejo por algo específico” e sua expressão constituem, portanto, o fundamento da utopia, que, dessa forma, está sempre atrelada a um determinado ponto de vista para ser tecida. Imaginados a partir das lacunas estruturais, do sentimento de falta, os não lugares dessa representação orbitam fora dos domínios binários como “um satélite” (PIERCY, 1993, p. 419)<sup>5</sup>.

As mulheres moram principalmente em uma cidade de cavernas, mas o modo de viver não é desolador. As cavernas são cobertas com tapetes que elas tecem. Há animais e computadores por toda parte, ovelhas, gatos, cabras, camelos e mais crianças do que já vi em tanto tempo. Elas adaptaram a si e a seus animais contra a alta incidência de raios ultravioleta, mas todas as jovens são protegidas sob invólucros

<sup>4</sup> A ênfase sobre o material teórico de Sargisson (1996) deve-se à leitura que oferecemos, calcada na desconstrução das tradicionais categorias binárias culturais. Entretanto, é necessário citar os estudos de Moylan (2000; 2003), mencionado por Mohr (2005) que explica que o utopista classifica as visões utópicas de autoria feminina, produzidas a partir da segunda metade do século XX, como críticas devido à rejeição da noção clássica de perfeição. Ele as associa à esperança de uma sociedade melhor, mas não fixa, a qual se mantém ambígua, rejeitando, destarte, formas totalitárias. Moylan ainda identifica a distopia crítica como um novo espaço ficcional que serve de motor para a utopia, focalizando a autocrítica e o processo articulado de construção da utopia.

<sup>5</sup> [...] a satellite [...].

disfarçados. Muitas têm a pele escura, porque as judias negras da Etiópia tiveram uma taxa de sobrevivência maior do que a de qualquer outro grupo na catástrofe. [...] Este deserto parece totalmente inóspito, embora aqui floresça essa comunidade e muitas vidas animal e vegetal tenham voltado. Ultimamente, elas têm tido muitas chuvas sazonais. [...] Nili levou-me por todo lugar e me apresentou a todos, incluindo às duas cirurgiãs que vão me operar [...], mas minha anfitriã de verdade é uma geneticista da minha idade, Karmia. [...] Invés de ver um rosto, quando digo seu nome, eu escuto sua voz [...] (p.419-420)<sup>6</sup>.

O espaço que efetivamente propõe uma dimensão melhor em *He, She and It* insinua-se como um não lugar de “homem nenhum” (PIERCY, 1993, p. 198)<sup>7</sup>, “fora do mapa” (PIERCY, 1993, p. 419)<sup>8</sup> de nossa cultura e, ao mesmo tempo, como o lugar onde a realidade pode ser recriada no *aqui e agora* da fábula, mesmo que esteja estrategicamente localizada no espaço além da narrativa da obra. Descrita em poucas passagens ao longo do romance, a comunidade de *Safed* aparece em algumas falas de Nili e sob o ponto de vista de Malkah, que visita *Black Zone* em busca de cirurgias para restaurar sua visão, como nosso recorte demonstra. Além disso, não há informações sobre a rotina dessa sociedade nem sobre suas reiterações de comportamento e expectativas.

Embora Nili seja enviada por seu povo em missão militar para lutar pela sobrevivência, as principais ações de toda a obra acontecem em outros espaços. Os vazios de representação desse espaço devem, assim, ser objetivados pelo leitor e pela leitora a partir de uma combinação de segmentos do próprio texto e das realidades extratextuais que ajudam a projetar tal objeto. *Safed* parece, destarte, uma comunidade melhor justamente pelo hiato imagético que a narrativa produz, no qual os resultados obtidos nos lugares anteriores são articulados para imaginar uma terra que oferecerá não só à Malkah, mas à Tikva e à *Glop* a esperança de dias melhores.

Em resposta aos espaços que mantinham concepções dualistas oposicionais, como o par natureza/cultura, o texto de Piercy (1993) parece desenhar um lugar onde o

<sup>6</sup> The women live mostly in a city of caves, but life is not bleak. The caves are thick in rugs they weave. There are animals and computers everywhere, sheep, cats, goats, camels, and more children than I have ever seen in a long time. They have adapted themselves and their animals to the high UV, but all young must be protected under disguised wraps. Many are dark-skinned, for the black Jews from Ethiopia had a higher survival rate in the catastrophe than any other group. [...] This desert seems totally inhospitable to life, yet here is this community flourishing, and much animal and plant life has come back. Lately they have been getting seasonal rains. [...] Nili has taken me around and introduced me to everyone, including the two surgeons who will work on me [...] but my real host is a geneticist my age, Karmia. [...] Instead of seeing a face, when I say her name, I hear her voice [...].

<sup>7</sup> [...] no men.

<sup>8</sup> [...] off the map.

feminino deixa de ser percebido como o outro dos padrões estruturais e imagina novos quadros conceituais para permitir novas condições materiais de gênero. Conforme nossa tradução anterior pode salientar, os papéis relativos à ciência são desempenhados por mulheres, o que parece colocá-las no centro de produção de saberes. As experiências silenciadas e apresentadas como estranhas parecem fundamentar as bases para a elaboração de novas percepções de ciência e cognição. Isso tem impacto direto sobre as ideias relativas à FC e à utopia, que deixa de ser percebida como um modelo estanque do bem universal para ser associada à transgressão de definições duais absolutas, de acordo com os estudos de Sargisson (1996).

Gomes (2011) nota que “todos os outros espaços, mesmo que opostos ao ambiente das *multis*, constituíam, de algum modo, um espaço distópico para as mulheres, uma vez que [elas] ocupavam os mesmo papéis e lugares historicamente ocupados por elas” (p. 61 -62). A terra de Nili é projetada como o lugar onde outras realidades podem ser instauradas. Cavalcanti (1999) salienta o gendramento alternativo dessa comunidade a partir de recursos imagéticos que evocam aspectos tradicionalmente associados ao feminino.

Esse espaço apresenta contornos transgressores não somente pela forma de reordenar as estruturas normativas, mas também pelo potencial imaginativo em relação à literatura. Aqui a cultura que era não oficial é centralizada e passa a estruturar relações sociais alternativas, com base em experiências não legitimadas ou parcialmente ininteligíveis. Embora seja inicialmente identificada como uma mancha negra no mapa, um deserto radioativo, devido ao desastre nuclear de décadas antes, *Black Zone* parece legitimar redimensionamentos culturais e subjetivos justamente com base nas lacunas de representação na narrativa de Piercy (1993).

Segundo Iser (1999), o texto ficcional desrealiza as referências extratextuais, mas a negação desses quadros de referência simultaneamente recorda o seu sentido anterior. Assim, ao analisar as representações deslocadas dos lugares de enunciação, sugiro que a narrativa de *He, She and It* parece relacionar os silêncios e vazios de nossa cultura com o feminino.

Nesse contexto, a dimensão utópica que se descortina e a relação entre literatura e utopia podem ser pensadas. Ao tratar das distopias feministas contemporâneas, Cavalcanti (2003) defende que esses textos constroem uma suspensão em torno do objeto utópico do desejo, “inerentemente ligada ao paradoxo do “bom-lugar/não-lugar”

contida no próprio termo *utopia*” (p. 351, grifo da autora). Para a pesquisadora, essas ficções parecem ser compostas em relação a essa ausência. Este artigo sublinha falhas e lacunas do sistema normativo de representação e a expressão da falta como o centro orientador da narrativa de Piercy (1993). O cotejo entre Cavalcanti (1999; 2003) e Iser (1999) revela-se importante para a empresa desse trabalho pelo realce dos hiatos que estruturam (a) as ficções, de um modo geral, de acordo com o segundo, e (b) os modos utópico e distópico, para a primeira. É importante ainda evidenciar a percepção fluida dos conceitos de utopia e distopia oferecidos pela pesquisadora. Para ela, essas distopias descortinam dimensões utópicas em sua própria tessitura.

Quero enfatizar que a utopia – expressão do objeto do desejo utópico – reside, na distopia feminista contemporânea, no âmbito do inefável, do invisível, do silêncio: aquele espaço em torno do qual revolve toda a narrativa. Nesse sentido, as estórias constituem-se como extensas figuras de catacrese, ocultando a utopia nas dobras de seus tecidos (CAVALCANTI, 2003, p. 351).

O esvaziamento da imagem de *Black Zone* parece-nos, portanto, concomitante à expressão do bom lugar. A narrativa de Piercy (1993) parece tentar atingir a terra utópica por meio estético, possibilitando a imaginação de um painel de múltiplas imaginações utópicas, a partir das referências que ela evoca. O final aberto da obra também descortina uma relação importante para a produção de tal dimensão – a fusão entre as lacunas do texto e a expectativa do leitor, que se efetiva na projeção e na esperança de um lugar melhor para os personagens e para si mesmo, uma vez que o bom lugar também se fundamenta na expectativa de quem lê. Minha leitura sugere, pois, com base na fortuna crítica e teórica listada, que os hiatos estruturais fazem parte da expressão do objeto utópico, cuja função parece ser a projeção de modelos alternativos de realidades, que preveem mudanças conceituais.

À guisa de conclusão, a ficção, conforme tecida pelos personagens de *He, She and It*, parece surgir como meio profícuo para a imaginação de outros mundos por meio transgressão dos padrões que regulam o universo. Segundo Scholes (1976), o reconhecimento dos modelos normativos permite a especulação desses limites, que não legitimam, e fornecem outras possibilidades de leitura. A experiência da insatisfação de tais vivências, de acordo com Levitas (2001; 2010), pode levar à expressão de um objeto que possa complementar essa experiência.

A representação do objeto conceitualmente desviante exige ainda novas formas de

representação. Isso pode ser observado principalmente a partir do percurso interrompido até *Black Zone*. Somos ciceroneados por todas as espacialidades que paulatinamente revelam dimensões boas e ruins, mas a última região é hibridamente tecida com as projeções de personagens como Malkah e Shira, de experiências sociais apresentadas, bem como pelo leitor e pela leitora. Não temos, porém, acesso à realização dessas projeções devido às barreiras de nossa constituição. Shira, por exemplo, apenas percebe Nili como mulher a partir dos padrões culturais que materializou a si, os quais parecem ser conceitual e progressivamente ampliados.

Estruturalmente, o romance recorre à imagem do viajante, tão recorrente nas aventuras utópicas para que possamos imagina rum bom lugar. A construção da personagem Malkah parece objetivar a nossa limitação histórica para alcançar esse lugar, pois, embora viaje para a comunidade de *Safed*, Malkah vai cega e não nos diz muito sobre a *Black Zone*. Essa condição salutar, de acordo com Cavalcanti (2003), parece igualmente sinalizar a negação da utopia como um conceito estanque, uma vez que ela demanda a imaginação de melhores possibilidades de vivência. Essa imaginação ocorre via experiência estética, uma vez que ao leitor e à leitora restam apenas as projeções.

Este trabalho foi articulado em torno do conceito de transgressão de Sargisson (1996) pelo olhar subversivo que a autora oferece para os significados derivados da lógica binária. Para a estudiosa, as ficções contemporâneas de autoria feminina oferecem uma nova abordagem para o conceito de utopia a partir da maneira de perceber a realidade, que nega, transgride e cria novos espaços conceituais para abordar o mundo de outra forma. A elaboração de outras ferramentas de abordagem surge, de acordo com Levitas (2001; 2010) das lacunas experimentadas na vivência cotidiana.

Saliento que a experiência da falta e da insatisfação, de acordo com a leitura proposta, podem estimular a expressão do objeto de desejo que parece estar localizado além das fronteiras do conhecido. Sustento que a expressão desse objeto altera a estrutura dual que se estabelece no espaço por meio da exploração de modelos de vivência. Por isso, cito Cavalcanti (2003) e Iser (1999) para avaliar os hiatos de lacunas da experiência humana nas dimensões utópicas que se descortinam na ficção de Piercy (1992).

Saliento ainda a imbricação entre literatura e utopia no tocante ao caráter estético – *He, She and It* parece delinear um espaço melhor para os sujeitos identificados como outros nos espaços primeiro, onde a participação na esfera pública e a produção de saber são compartilhadas. Embora não seja alcançado por causa de nossa limitação histórica,



tal espaço fornece subsídio para a elaboração de um objeto de desejo que inicie um processo utópico-transformativo e transgressor.

Nesse contexto, à luz das ideias de Lser (1999), a literatura, com base em motivos ficcionais e extratextuais, parece revestir-se de valor e significado além de si mesma e constitui um meio profícuo para a imaginação das realidades alternativas objetivadas. Sempre em processo de constituição de significado e valor, assim como as dimensões utópicas tecidas pelo texto de Piercy (1993), as ficções parecem conjugar em seu bojo um objeto de desejo que deve guiar sua elaboração e sua leitura. Dessa forma, *He, She and It* parece aproximar o movimento em direção ao objeto de desejo utópico dos procedimentos ficcionais, que também precisam objetivar combinações para produção de possíveis leituras para as lacunas textuais e estruturais.

O esvaziamento da imagem de *Black Zone*, portanto, parece reiterar o próprio processo de elaboração de significados via experiência estética. Essa proposição tem ainda contornos conceituais importantes para a percepção da utopia não somente como forma de organizar o mundo, mas também pela possibilidade de expressar, mesmo que ficcionalmente, as insatisfações e insuficiências da experiência humana, a partir de localizações antes obscuras.

A transgressão de limites dos modelos reguladores androcêntricos também parece repetir-se entre o universo ficcional de Piercy (1993) e o mundo do leitor, que igualmente imagina alternativas às dimensões distópicas. *He, She and It* parece especular, assim, múltiplas possibilidades de posição subjetiva para negociar e fazer inteligível o novo dentro da cultura disponível e, por fim, criar um espaço alternativo de expressão calcado em um pensamento relacional, que não nega outros modelos, mas se apresenta como uma opção.

## Referências

- CAVALCANTI, Ildney. Exploring the utopian space/time: Marge Piercy's Body of Glass. In: \_\_\_\_\_. **Articulating the elsewhere:** utopia in the feminist critical dystopias. 1999, 228f. Tese (Doctor of English Studies) – University of Strahclyde, Glasgow, 1999.
- CAVALCANTI, Ildney. A distopia feminista contemporânea: um mito e uma figura. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (org). **Refazendo nós** – ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2003.
- ELIADE, Mircea. O espaço sagrado e a sacralização do mundo. In: \_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GOMES, Nayara Macena. Ficção científica, utopia e gênero: as representações do corpo e do espaço em Body of Glass, de Marge Piercy. In: CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda (org). **Mundos gendrados alternativamente:** ficção científica, utopia, distopia. Maceió: EDUFAL, 2011.
- ISER, Wolfgang. Teoria da recepção: reação a uma circunstância história. In: ROCHA, João de Castro (org). **Teoria da ficção:** indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- LEVITAS, Ruth. For Utopia: The (Limits of the) Utopian Function in Late Capitalist Society. In: GOODWIN, Barbara (ed). **The Philosophy of Utopia.** London and Portland: Frank Class, 2001.
- LEVITAS, Ruth. **The concept of utopia.** Oxford et al: Peter Lang, 2010.
- MOHR, Dunja. **Worlds apart:** dualism and transgression in contemporary female dystopias. Jefferson, North Carolina: McFarland&Company, 2005.
- MOYLAN, Tom. Marge Piercy's tale of hope. In: \_\_\_\_\_. **Scraps of the untainted sky:** science fiction, utopia, dystopia. Boulder: Westview, 2000.
- NAVEROW, Vara. The politics of incorporation and embodiment: Woman on the edge of time and He, She and It as feminist epistemologies of resistance. **Utopian Studies**, no. 5, vol. 2, 1994.
- PIERCY, Marge. **He, She and It.** New York: Ballantine Books, 1993.
- SARGISSON, Lucy. **Contemporary feminist utopianism.** London and New York: Routledge, 1996.
- WOLMARK, Jenny. Cyberpunk, cyborgs and feminist science fiction. In: \_\_\_\_\_. **Aliens and others:** science fiction, feminism and postmodernism. Hertfordshire: Harvest Wheatsheaf, 1994.